

A Vitória do Cordeiro Soberano: Uma Análise Teológica da Páscoa sob a Perspectiva Calvinista

The Victory of the Sovereign Lamb: A Theological Analysis of Easter from a Calvinist Perspective

La Victoria del Cordero Soberano: Un Análisis Teológico de la Pascua desde la Perspectiva Calvinista

 <https://doi.org/10.5281/zenodo.19411340>

Submetido em: 01/04/2026

Publicado em: 03/04/2026

Marcos Daniel de Arruda Nonato

Formação em Teologia

Universidade da Bíblia

✉ marcosdang3@gmail.com

 <http://lattes.cnpq.br/7263917560706005>

 <https://orcid.org/0009-0005-9951-155X>

Resumo: Este artigo analisa a Páscoa sob a perspectiva da teologia calvinista, enfatizando sua compreensão como cumprimento histórico do Pacto da Redenção (*Pactum Salutis*), estabelecido na eternidade entre as pessoas da Trindade. A pesquisa, de caráter bibliográfico, fundamenta-se em autores da tradição reformada, como João Calvino, Herman Bavinck, Francis Turretini e John Owen, além de textos bíblicos. Os resultados evidenciam que a Páscoa não é uma resposta contingente ao pecado, mas a execução do decreto soberano de Deus, no qual a morte e ressurreição de Jesus Cristo cumprem uma função jurídica e redentora específica. A ressurreição é apresentada como o ápice desse plano, garantindo a justificação dos eleitos e confirmando a eficácia do sacrifício de Jesus Cristo. A análise destaca conceitos centrais como eleição eterna, depravação total, expiação limitada e regeneração monergística, evidenciando que a salvação é obra exclusiva da graça divina. Além disso, o estudo aborda a dimensão da ressurreição, compreendida como início da restauração da criação. Conclui-se que, na teologia calvinista, a Páscoa representa um evento plenamente determinado pela soberania de Deus, no qual toda a glória é atribuída exclusivamente a Ele, sintetizada na expressão "*Soli Deo Gloria*".

Palavras-chave: Páscoa; Calvinismo; Soberania de Deus; Ressurreição; Redenção, Eleição.

Abstract: This article analyzes Easter from the perspective of Calvinist theology, emphasizing its understanding as the historical fulfillment of the Covenant of Redemption (*Pactum Salutis*), established in eternity among the persons of the Trinity. The research, of a bibliographic nature, is based on authors from the Reformed tradition, such as John Calvin, Herman Bavinck, Francis Turretin, and John Owen, as well as biblical texts. The results demonstrate that Easter is not a contingent response to sin, but the execution of God's sovereign decree, in which the death and resurrection of Christ fulfill a specific legal and redemptive function. The resurrection is presented as the climax of this plan, guaranteeing the justification of the elect and confirming the effectiveness of Christ's sacrifice. The analysis highlights central concepts such as eternal election, total depravity, limited atonement, and monergistic regeneration, showing that salvation is exclusively the work of divine grace. Furthermore, the study addresses the dimension of the resurrection as the beginning of the restoration of creation. It is concluded that, in Calvinist theology, Easter represents an event fully determined by God's sovereignty, in which all glory is attributed exclusively to Him, summarized in the expression "*Soli Deo Gloria*".

Keywords: Easter; Calvinism; Sovereignty of God; Resurrection; Redemption, Election.

Resumen: Este artículo analiza la Pascua desde la perspectiva de la teología calvinista, enfatizando su comprensión como el cumplimiento histórico del Pacto de Redención (*Pactum Salutis*), establecido en la eternidad entre las personas de la Trinidad. La investigación, de carácter bibliográfico, se fundamenta en autores de la tradición reformada, como Juan Calvino, Herman Bavinck, Francisco Turretini y John Owen, además de

textos bíblicos. Los resultados evidencian que la Pascua no es una respuesta contingente al pecado, sino la ejecución del decreto soberano de Dios, en el cual la muerte y resurrección de Jesus Cristo cumplen una función jurídica y redentora específica. La resurrección se presenta como el punto culminante de este plan, garantizando la justificación de los elegidos y confirmando la eficacia del sacrificio de Jesus Cristo. El análisis destaca conceptos centrales como la elección eterna, la depravación total, la expiación limitada y la regeneración monergística, evidenciando que la salvación es obra exclusiva de la gracia divina. Además, el estudio aborda la dimensión de la resurrección como inicio de la restauración de la creación. Se concluye que, en la teología calvinista, la Pascua representa un evento plenamente determinado por la soberanía de Dios, en el cual toda la gloria es atribuida exclusivamente a Él, sintetizada en la expresión “*Soli Deo Gloria*”.

Palabras clave: Pascua; Calvinismo; Soberanía de Dios; Resurrección; Redención, Elección.

1. INTRODUÇÃO

Para a teologia calvinista¹, a Páscoa não é um evento isolado ou uma reação divina ao pecado, mas a execução histórica do *Pactum Salutis* (Pacto da Redenção). Este pacto, firmado na eternidade entre as pessoas da Trindade (Pai, Filho e Espírito Santo), estabelece que o Pai elegeria um povo, o Filho o resgataria e o Espírito Santo aplicaria essa redenção.

A obra redentora de Jesus Cristo, portanto, não é um “plano B” ou uma reação de Deus ao pecado, mas o decreto soberano em execução. Todos os acontecimentos da história humana (passado, presente e futuro), estão completamente subordinados à soberana vontade de Deus. Como está escrito: “Eu formo a luz e crio as trevas; faço a paz e crio o mal; eu sou o SENHOR que faço todas estas coisas” (Bíblia, Isaías, 45, 7).

Nada foge ao Seu controle, nada acontece por acaso. No evangelho segundo Mateus, lemos: “Não se vendem dois passarinhos por uma pequena moeda? Mas nenhum deles cairá no chão se não for da vontade de vosso Pai. E até mesmo os cabelos da vossa cabeça estão todos contados” (Bíblia, Mateus, 10, 31).

A ressurreição, portanto, é o ápice desse decreto. Como afirma o apóstolo Pedro em seu sermão de Pentecostes:

A este que vos foi entregue pelo determinado conselho e presciência de Deus, prendestes, crucificastes e matastes pelas mãos de injustos; ao qual Deus ressuscitou, soltando as ânsias da morte, pois não era possível que fosse retido por ela (Bíblia, Atos 2, 23-24).

Diferente de visões que colocam a vontade humana como o fiel da balança, o calvinismo ancora a Páscoa na vontade inabalável de Deus. Se Jesus Cristo ressuscitou, foi porque “não era possível” que a morte o detivesse, dado que a justiça divina havia sido plenamente satisfeita.

¹Corrente teológica originada na Reforma Protestante, sistematizada por João Calvino, que enfatiza a soberania absoluta de Deus em todas as coisas, especialmente na salvação. Fundamenta-se em doutrinas como a eleição incondicional, a depravação total do ser humano, a expiação limitada, a graça irresistível e a perseverança dos santos, afirmando que a salvação é inteiramente obra da graça divina, sem mérito humano.

2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

2.1 A Eleição Eterna e o Pacto da Redenção

A soteriologia reformada enfatiza que a salvação não é uma reação de Deus a um evento histórico aleatório, mas trata-se de um decreto estabelecido, por Ele, na eternidade. Antes que o tempo, a matéria e o espaço existissem, o Pai escolheu pessoas dentre todas as raças, povos, tribos, línguas e nações e, com estes, formou um povo para Si. Tal escolha não foi feita com base em qualquer mérito ou fé prevista nesses indivíduos, mas segundo o beneplácito de Sua própria vontade. Este conceito é fundamental para compreender a Páscoa como o cumprimento de uma promessa intra-trinitária.

O apóstolo Paulo expõe essa realidade na sua epístola aos Efésios, utilizando uma linguagem que remove qualquer possibilidade de glória humana:

Como também nos elegeu nele antes da fundação do mundo, para que fôssemos santos e irrepreensíveis diante dele em amor; e nos destinou para filhos de adoção por Jesus Cristo, para si mesmo, segundo o beneplácito de sua vontade, para louvor da glória de sua graça, pela qual nos fez agradáveis a si no Amado (Bíblia, Efésios, 1, 4-6).

Para João Calvino (2006), essa eleição é a "fonte e causa primeira" de todos os benefícios que recebemos na Páscoa. Ele argumenta que, se Deus nos escolheu na eternidade, a ressurreição de Jesus Cristo é a garantia jurídica de que nenhum desses eleitos será esquecido. A morte e a vida de Jesus não foram uma tentativa de salvar a humanidade em geral, mas a execução específica do resgate daqueles cujos nomes já estavam escritos no Livro da Vida do Cordeiro.

Herman Bavinck (2012) reforça essa visão ao explicar que a eleição eterna protege a gratuidade da salvação. Se fôssemos escolhidos por algo que fizemos no tempo, a salvação seria um salário; mas, como fomos escolhidos "antes da fundação do mundo", a Páscoa torna-se o feriado da *Sola Gratia* (Somente a Graça).

Portanto, quando o calvinista olha para o túmulo vazio, ele não vê apenas um milagre histórico; ele vê a confirmação de que o decreto eterno de Deus é invencível. A ressurreição é o momento em que a eternidade invade o tempo para buscar aqueles que o Pai já havia entregue ao Filho no pacto secreto da redenção.

2.2 A Necessidade da Ressurreição: Antropologia e Depravação

A Páscoa só pode ser compreendida se observada sob a ótica da doutrina da Depravação Total, pois, se afirmarmos que o ser humano natural possui, por menor que seja,

qualquer “centelha” de vida espiritual própria, reduzimos a ressurreição de Jesus Cristo à condição de mero auxílio, e assim fazemos com que a mesma deixe de ser necessidade absoluta.

2.3 A Morte Espiritual e a Vivificação

A Ressurreição de Jesus Cristo é o paradigma monergístico da regeneração do eleito: assim como o corpo do Filho foi levantado exclusivamente pelo poder de Deus, a alma do crente é revivida unicamente pela eficácia do Espírito.

A compreensão da Páscoa exige a análise da Depravação Total. A Bíblia (2009) afirma que o homem, em seu estado natural após a queda, está espiritualmente morto. Um ser morto não apresenta vontade e não é capaz de executar obra alguma. Uma criatura morta não pode aceitar um convite ou colaborar com sua própria vivificação.

O apóstolo Paulo descreve essa condição de forma contundente:

E vos vivificou, estando vós mortos em ofensas e pecados [...] Mas Deus, que é riquíssimo em misericórdia, pelo seu muito amor com que nos amou, estando nós ainda mortos em nossas ofensas, nos vivificou juntamente com Cristo (pela graça sois salvos) (Bíblia, Efésios, 2, 1, 4-5).

A ressurreição de Jesus Cristo é, portanto, o fundamento da regeneração. Para o calvinista, a Páscoa é o poder monergístico de Deus que “desperta” o eleito de sua morte espiritual.

Em seu Comentário aos Evangelhos Harmônicos e nas Institutas (Livro II, Cap. 16), Calvino (2015) estabelece que a morte de Cristo é a fonte da salvação, mas a ressurreição é o seu efeito vivificador. Ao comentar Mateus 28, Calvino (2015) argumenta que a ressurreição não foi apenas um milagre para provar a divindade de Jesus, mas um ato necessário para a nossa justiça. Calvino (2015) afirma que: “seria em vão que Cristo tivesse sido morto como sacrifício, se não tivesse ressuscitado como vencedor do pecado”. Para ele, a Páscoa é a “abertura do céu”. Se a cruz cancela a culpa, a ressurreição nos restitui a justiça e a imortalidade.

A Páscoa é o selo da Justificação. Sem o túmulo vazio, o sacrifício seria incompleto sob o ponto de vista da aplicação dos benefícios aos eleitos (Figura 1).

Figura 1. Representação do túmulo vazio, símbolo da ressurreição e vitória de Jesus Cristo sobre a morte



Nota: Imagem gerada por inteligência artificial (chatGPT v 5.3), com o prompt: "Representação do túmulo vazio, símbolo da ressurreição de Jesus Cristo". Criado em: abr. 2026.

2.4. A Dimensão Jurídica

2.4.1 A sentença

Nós éramos os réus insolventes: “E a vós, quando ainda estáveis mortos nos vossos pecados e na incircuncisão da vossa carne, Deus vos deu vida juntamente com ele, perdando todos os nossos pecados” (Bíblia, Colossenses, 2, 13).

2.4.2 A substituição

No Getsêmani², Jesus Cristo antevê o custo do sacrifício. A Páscoa é a resposta de que o “cálice” foi bebido até o fim. Apóstolo Paulo explica essa transação jurídica: “Àquele que não conheceu pecado, o fez pecado por nós; para que nele fôssemos feitos justiça de Deus” (Bíblia, 2 Coríntios, 5, 21).

A visão reformada da Páscoa foca na Satisfação da Justiça Divina. Deus não poderia perdoar o pecado por decreto sem que a pena fosse paga. Cristo, o Fiador, assume o banco dos réus e recebe o castigo que era destinado a nós. O Pai executa no Filho a Sua justiça. “Mas ele foi ferido por causa das nossas transgressões e esmagado por causa das nossas maldades; o

²Getsêmani, jardim no Monte das Oliveiras, local onde, na noite anterior à crucificação, Jesus experimentou profunda agonia, suando “gotas de sangue” (Bíblia, Lucas, 22,44). Ali, ele orou três vezes pedindo que o “cálice” de sofrimento fosse afastado, mas se submeteu à vontade do Pai: “não se faça a minha vontade, mas a tua” (Bíblia, Lucas, 22,42).

castigo que nos traz a paz estava sobre ele, e por seus ferimentos fomos sarados” (Bíblia, Isaías, 53, 5). O apóstolo Paulo afirma: “Cristo nos resgatou da maldição da lei, tornando-se maldição em nosso favor, pois está escrito: Maldito todo aquele que for pendurado em um madeiro” (Bíblia, Gálatas, 3, 13).

Na perspectiva de Francis Turretini (2011), a Páscoa possui um caráter jurídico rigoroso. Cristo atuou como o "Fiador" dos eleitos. Na cruz, Ele pagou a dívida; no sepulcro vazio, Ele recebeu o recibo de quitação. Turretini (2011) argumenta ainda que a ressurreição é o ato oficial do tribunal divino que declara que a justiça foi satisfeita.

Esta tese baseia-se em Romanos 4:25, onde se lê que Cristo "foi entregue por nossos pecados e ressuscitou para nossa justificação". João Calvino (2006) reforça essa necessidade jurídica ao afirmar: “Seria em vão que Cristo tivesse sido morto como sacrifício, se não tivesse ressuscitado como vencedor do pecado [...] pois pela morte foi destruído o pecado, mas pela ressurreição foi recuperada a justiça” (Calvino, 2006, p. 145).

2.4.3 A Execução: O Cálice da Ira

O "escrito de dívida" é cancelado pelo sangue na cruz. Quanto a isso, o apóstolo Paulo afirma: “e, apagando a escrita de dívida, que nos era contrária e constava contra nós em seus mandamentos, removeu-a do nosso meio, cravando-a na cruz” (Bíblia, Colossenses, 2, 14).

O apóstolo João registra o seguinte: “Quando Jesus tomou o vinagre, disse: — Está consumado (Tetelestai³)! E, inclinando a cabeça, entregou o espírito” (Bíblia, João, 19, 30).

Na cultura greco-romana, Tetelestai era um termo utilizado em pelo menos quatro contextos: no Comercial, no Judicial Penal, na Construção civil e no Religioso.

No contexto Comercial, a palavra Tetelestai era escrita, com uma espécie de carimbo, sobre o documento da dívida, indicando que a mesma foi paga. No contexto Judicial Penal, a palavra Tetelestai era dita ao prisioneiro quando o mesmo cumpria a sua pena, indicando assim, que já não havia mais nenhuma condenação. Na Construção civil, a palavra Tetelestai era para indicar que a obra havia acabado e no contexto Religioso, a palavra Tetelestai era utilizada para indicar que todos os ritos e obrigações estavam plenamente encerrados.

Portanto, ao falar Tetelestai, na cruz do calvário, Jesus estava dizendo ao Pai que a dívida do pecado estava paga, a sentença do prisioneiro foi cumprida, a obra que lhe havia sido designada para fazer, estava concluída e o sacrifício necessário já estava consumado.

³ Termo grego (τετέλεσται) utilizado em Evangelho de João 19:30, traduzido como “está consumado”. Expressa a conclusão plena e definitiva da obra redentora de Cristo na cruz, indicando que o sacrifício foi totalmente realizado e a dívida do pecado completamente paga.

2.4.4 A Soltura

2.4.4.1 A Vitória sobre a Lei

A lei de Deus exigia perfeição e punia a transgressão com a morte. Na Páscoa, Jesus Cristo ressurgiu porque a Lei já não tinha mais reivindicações contra Ele; a dívida foi paga.

Havendo riscado a cédula que era contra nós nas suas ordenanças, a qual de alguma maneira nos era contrária, e a tirou do meio de nós, cravando-a na cruz. E, despojando os principados e potestades, os expôs publicamente e deles triunfou em si mesmo (Bíblia, Colossenses, 2, 14-15).

Em seu Compêndio de Teologia Elêntica, Turretini (2011) trata a Páscoa como um evento de tribunal divino. Turretini (2011) utiliza a analogia jurídica do "Fiador". Cristo assumiu a dívida dos eleitos. A morte foi o pagamento; a ressurreição foi o "recibo" oficial emitido pelo Pai.

Na exegese de Atos 2:24, Turretini (2011) destaca a frase "não era possível que fosse retido pela morte". Ele argumenta que a justiça de Deus exigia a libertação de Jesus Cristo, pois, uma vez que a dívida foi paga na cruz, a lei não tinha mais direito legal de manter o Fiador na prisão do sepulcro. A ressurreição é uma exigência da justiça divina, e não apenas um ato de poder.

2.4.4.2 (O Selo)

O sepulcro vazio é o alvará de soltura (Figura 1). Deus Pai, o Juiz, abre a prisão da morte, demonstrando que o Fiador nada mais deve e que os beneficiários da fiança estão legalmente livres. "Ele foi entregue à morte por causa das nossas transgressões e ressuscitado para a nossa justificação" (Bíblia, Romanos, 4, 25).

A cruz é o local onde o pagamento é feito; o sepulcro vazio é o local onde o recibo é emitido. Sem o recibo (ressurreição), não teríamos garantia jurídica de que a dívida foi realmente quitada.

2.4.4.3 O Veredito Jurídico

A ressurreição de Jesus Cristo é o "Amém" de Deus ao sacrifício do Filho. É o momento em que o veredito de "Justo" é proferido sobre Cristo e, por extensão, sobre todos os que estão nele. O apóstolo Paulo conecta diretamente a ressurreição ao nosso status legal perante Deus: "O qual por nossos pecados foi entregue, e ressuscitou para nossa justificação" (Bíblia, Romanos, 4, 25).

2.5 Expição Limitada: Uma Vitória Eficaz e Particular

Um ponto distintivo do calvinismo é a Expição Limitada. A Páscoa não celebra uma salvação hipotética para todos, mas uma salvação garantida para os eleitos.

John Owen (2011), em *A Morte da Morte na Morte de Cristo*, sustenta que a ressurreição prova a eficácia total do sacrifício. Se Cristo morreu por todos os homens sem exceção e alguns perecem, então a morte de Cristo falhou em relação a estes. Contudo, a Escritura (Bíblia Sagrada) declara o triunfo do Pastor: "Eu sou o bom Pastor; conheço as minhas ovelhas, e das minhas sou conhecido. Assim como o Pai me conhece a mim, também eu conheço o Pai, e dou a minha vida pelas ovelhas" (Bíblia, João, 10, 14-15).

Para Owen (2011), o triunfo da Páscoa é a garantia de que nem uma única gota do sangue de Cristo foi vertida em vão. Ele ressuscitou tendo resgatado eficazmente cada um daqueles que o Pai Lhe deu.

Na exegese de Hebreus 2:14-15: Owen (2011) foca na destruição daquele que tinha o poder da morte (o Diabo). Pois, argumenta que, na Páscoa, Cristo não apenas "abriu uma porta" para quem quisesse entrar, mas efetivamente resgatou cada um dos Seus escolhidos.

O Triunfo Total: Para Owen (2011), a ressurreição prova que a morte de Cristo foi eficaz. Se um único pecado de um único eleito não tivesse sido pago, Cristo não poderia ter ressuscitado, pois a "ponta do aguilhão" (o pecado) ainda estaria nele.

A Páscoa, na visão calvinista, celebra uma vitória que não depende da vontade humana para ser eficaz, mas depende exclusivamente da Soberania de Deus.

2.6 A Dimensão Cósmica: Restauração da Natureza e Graça

Herman Bavinck (2012) amplia a visão da Páscoa para a "Recreação" do cosmos. A ressurreição corporal de Jesus é a primícia de uma nova humanidade e de um novo mundo. Não é apenas a alma que é salva, mas a criação que é redimida da maldição.

Mas agora Cristo ressuscitou dos mortos, e foi feito as primícias dos que dormem. Porque assim como a morte veio por um homem, também a ressurreição dos mortos veio por um homem. Porque, assim como todos morrem em Adão, assim também todos serão vivificados em Cristo (Bíblia, 1 Coríntios, 15, 20-22).

Para Bavinck (2012), a Páscoa fundamenta o mandato cultural cristão: como Jesus Cristo é o Rei ressurreto que venceu a morte física, Sua autoridade se estende sobre a ciência, as artes e a sociedade. A graça não destrói a natureza, mas a restaura através do poder da ressurreição.

2.7 O Princípio Regulador e a Prática Litúrgica

Historicamente, nas igrejas reformadas, evita-se o simbolismo visual excessivo (como encenações de "paixão de Cristo") em favor da pregação da Palavra. O foco está no "Dia do Senhor" (o Domingo) como a celebração semanal da ressurreição, conforme a prática apostólica: "No primeiro dia da semana, ajuntando-se os discípulos para partir o pão, apóstolo Paulo lhes pregava" (Bíblia, Atos, 20, 7). A Páscoa é, portanto, o coração de cada culto cristão, onde Cristo é proclamado como o único mediador vivo.

A ênfase não está em ovos, coelhos ou encenações, mas na Pregação do Evangelho da Cruz. A "estética" da Páscoa calvinista é a sobriedade da Palavra anunciada, pois "a fé vem pelo ouvir" (Bíblia, Romanos, 10, 17).

3. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Este estudo trata-se de uma pesquisa bibliográfica. Diante disso, o levantamento bibliográfico teve início com a seleção de obras que abordam a temática do uso de jogos didáticos no ensino da Matemática. Em seguida, realizou-se a leitura e o fichamento dessas produções, etapa considerada essencial para a elaboração do artigo científico. Nesse sentido:

Caracteriza-se a pesquisa bibliográfica pela identificação e análise dos dados escritos em livros, artigos de revistas, dentre outros. Sua finalidade é colocar o investigador em contato com o que já se produziu a respeito do seu tema de pesquisa (Gonsalves, 2001, p. 34).

A pesquisa bibliográfica constitui o primeiro passo de qualquer investigação científica, pois é por meio dessa etapa que o pesquisador se familiariza com os conceitos apresentados por diferentes autores, analisando-os a partir de distintas perspectivas teóricas. Além disso, esse tipo de pesquisa possibilita reflexões aprofundadas acerca da temática estudada. Nessa perspectiva:

A pesquisa bibliográfica é habilidade fundamental nos cursos de graduação, uma vez que constitui o primeiro passo para todas as atividades acadêmicas. Uma pesquisa de laboratório ou de campo implica, necessariamente, a pesquisa bibliográfica preliminar. [...] Portanto, se é verdade que nem todos os alunos realizarão pesquisas de laboratório ou de campo, não é menos verdadeiro que todos, sem exceção, para elaborar os diversos trabalhos solicitados, deverão empreender pesquisas bibliográficas (Andrade, 2010, p. 25).

4. CONCLUSÃO: *Soli Deo Gloria*

A análise calvinista da Páscoa culmina na total exclusão da glória humana. Se a salvação

dependesse de uma decisão do homem "morto", ninguém seria salvo. Mas, porque Deus é soberano e ressuscitou Seu Filho, a redenção é certa e inabalável.

Em suma, a compreensão da Páscoa sob a ótica da tradição reformada transcende a mera celebração litúrgica, consolidando-se como o ápice da economia da salvação e da soberania divina. Para o aprofundamento das nuances teológicas discutidas neste trabalho, bem como para a compreensão da doutrina da expiação vicária e da graça irresistível, recomendam-se obras fundamentais que balizam o pensamento calvinista clássico e contemporâneo.

Dentre elas, destacam-se 'As Institutas', de João Calvino, especificamente no que tange à mediação de Cristo; a densa análise de John Owen em 'A Morte da Morte na Morte de Cristo', essencial para o entendimento da eficácia da redenção; e a obra contemporânea de John Stott, 'A Cruz de Cristo', que oferece uma síntese magistral sobre a centralidade do sacrifício. Complementarmente, as contribuições de Charles Spurgeon, em 'Redenção Particular', e a abordagem pastoral de Timothy Keller, em 'O Rei Crucificado', fornecem as bases necessárias para correlacionar a doutrina da salvação com a prática devocional e a análise histórica do evento pascal.

A Páscoa assegura ao crente que o "aguiilhão da morte" foi removido. Celebramos não uma tentativa de resgate, mas um triunfo consumado. Como sintetiza o pensamento reformado, a ressurreição é o monumento eterno à misericórdia e à fidelidade de Deus. "Não a nós, SENHOR, não a nós, mas ao teu nome dá glória" (Bíblia, Salmo, 115, 1).

5. REFERÊNCIAS

BAVINCK, Herman. **Dogmática Reformada: O Pecado e a Salvação em Cristo**. Tradução de Vagner de Oliveira. São Paulo: Cultura Cristã, 2012. v. 3.

BÍBLIA SAGRADA. **Bíblia de Estudo de Genebra**. Tradução de João Ferreira de Almeida, Revista e Atualizada. 2. ed. Barueri: Sociedade Bíblica do Brasil, 2009.

BÍBLIA SAGRADA. **Bíblia Almeida Século 21**. São Paulo: Vida Nova, 2008.

BÍBLIA SAGRADA: **Bíblia Nova Almeida Atualizada**. 3. ed. Barueri: Sociedade Bíblica do Brasil, 2017.

CALVINO, João. **As Institutas ou Instituição da Religião Cristã**. Tradução de Waldyr Carvalho Luz. 2. ed. São Paulo: Cultura Cristã, 2006. 4 v.

CALVINO, João. **Exposição de Mateus, Marcos e Lucas (Evangelhos Harmônicos)**. Tradução de Valter Graciano Martins. São Paulo: Fiel, 2015.

OWEN, John. **A Morte da Morte na Morte de Cristo: um tratado sobre a redenção particular**. Tradução de Degmar Ribas Júnior. São Paulo: Editora PES, 2011.

TURRETINI, Francis. **Compêndio de Teologia Elêntica**. Tradução de Felipe Sabino de Araújo Neto et al. São Paulo: Cultura Cristã, 2011. 3 v.